

COIMBRA

“Não sou anti-Estado, nem pro-Estado, sou pro-pessoas”

Legislativas Pedro Brinca, cabeça de lista do círculo eleitoral de Coimbra pela Iniciativa Liberal, fala ao Diário de Coimbra das motivações para a candidatura. Economista com raízes em Coimbra, o candidato independente defende a descentralização e a desconcentração e políticas com foco nas pessoas

Diário de Coimbra Como é que surge a sua candidatura pela Iniciativa Liberal?

Pedro Brinca Sou professor de Economia, faço comentário económico na comunicação social e tenho reparado que é muito difícil para os partidos do arco da governação porem em prática soluções para mudar os destinos do país. Costumo dizer aos meus alunos do 1.º ano que os países mais pobres, com as políticas certas, tendem a ter um crescimento mais rápido. Portugal, um dos países mais pobres da Europa, tem feito precisamente o inverso. Em 20 anos, em vez de nos termos aproximado da média da União Europeia, temo-nos precisamente afastado. E é por isso, porque as opções típicas no arco da governação PS e PSD não têm trazido soluções ao país, que senti que fazia sentido dar o meu contributo.

Que ligação tem ao distrito?

Bem, primeiro o meu nome é Pedro Brinca. Brinca originalmente era uma alcunha. No século XIX, brincar tinha outro significado. Brincar queria dizer enfeitar, por isso é que há os brincos, enfeites. Em Coimbra há uns brincos conhecidos que são chamados as brincas e eu descendo de uma família de ourives, que vendia ouro nas feiras, de Febres. Portanto, eu tenho raízes cá... o Bairro do Brinca foi feito pela minha família. A Ourivesaria Brinca na Visconde da Luz era dos meus primos. Estudei aqui, licencieme na Faculdade de Economia. Gostava de não ter que viver em Lisboa. Uma das minhas minhas ambições é conseguir que viver em Lisboa seja uma escolha, e não uma obrigação. Depois, também aceitei o desafio porque fala-se muito na questão do voto útil, mas o que é certo é que as sondagens parecem indicar que é mais provável, em Coimbra, a Iniciativa Liberal eleger um deputado do que o PSD eleger um quarto

deputado. Podemos fazer a diferença. Depois, existe um alinhamento ideológico. Sendo independente, na política apoio as boas ideias e tendo a rejeitar as más. Eu já critiquei a Iniciativa Liberal por ideias que achei que não eram boas para o país, mas acredito na ideia do ênfase na liberdade do indivíduo, no respeito pelo indivíduo e, ao mesmo tempo, na consciência de que não é possível atingir um caminho de convergência social, ou seja, aproximar dos níveis de vida dos portugueses, aos níveis de vida de países da Europa mais ricos, a não ser pela convergência económica. Para haver convergência económica é preciso aumentar a capacidade do país em criar riqueza. E, para isso, temos que criar um ambiente económico muito mais favorável a quem quer criar riqueza e emprego, melhorar condições de vida. É esta combinação de características que me leva a aceitar o convite, a apoiar o projeto e a tentar dar o meu contributo.

Como é que as ideologias da Iniciativa Liberal se aplicam no distrito?

Coimbra está no centro do país, apenas geograficamente.

”

Uma das minhas minhas ambições é conseguir que viver em Lisboa seja uma escolha, e não uma obrigação

Ninguém pode ficar sem ser tratado, mas um serviço público não tem que ser feito apenas por produção pública

Devia estar no centro em mais dimensões. Sou um fervoroso adepto da desconcentração e da descentralização. Não faz sentido que tudo que são organismos públicos, tenham de estar enfiados em Lisboa. Podemos usar o Estado, e não é tão pequeno quanto isso, como ferramenta de coesão territorial. Fala-se muito da emigração e de os jovens saírem do país. A verdade é que, eu, por exemplo, sou imigrante dentro meu próprio país. Por isso, a desconcentração e a descentralização, para mim, são causas fortes e gostava que o centro do país, o distrito de Coimbra, pudesse criar condições para atrair mais os jovens e retê-los. O número de jovens a deixar o distrito está a aumentar. A população caiu nos últimos dez anos. Um terço dos empregos na indústria desapareceram em 20 anos. Havia zonas conhecidas pela forte indústria que já não são opção de vida para as pessoas, não lhes dão capacidade de serem felizes. A Iniciativa Liberal, pelo foco na liberdade do indivíduo, pela necessidade criar condições para mais emprego, mais rendimento, mais valor acrescentado, aliado às minhas raízes, ditou a minha escolha.

Quais são as principais bandeiras da sua campanha?

Já falamos da desconcentração e descentralização. Na educação, é preciso dar ênfase à autonomia das escolas. As escolas precisam de ter mais autonomia, mas ao mesmo tempo de mais meios para a exercer e, por último, de uma maior responsabilização pelas escolhas que fazem, quando têm capacidade para fazer. Na questão da educação, e também na saúde, não podemos estar à espera, por uma questão de cegueira ideológica, que o Estado construa capacidade para as pessoas terem uma resposta. É preciso ajudar as pessoas agora, e o que deve estar em primeiro são as pessoas e não o Estado. Se conseguirmos montar uma solução pública para ajudar as pessoas, perfeito. Não sou anti-Estado, nem pro-Estado, sou pro-pessoas. Se a solução pública tiver uma oferta, excelente. Se não tiver, não vamos, por dogmatismo ideológico, negar às pessoas serviços de que precisam. Depois, a questão dos transportes é muito importante. Se formos da Pampilhosa da Serra, para chegar a Coimbra para uma consulta num hospital, temos um autocarro às 7h15 e depois outro de volta a um quarto para as qua-

tro. Se a consulta for às quatro da tarde, temos de ficar a dormir em Coimbra. E estamos a falar no mesmo distrito. As pessoas pagam muitos impostos, têm que ter retorno.

Na saúde, que é tão “cara” a Coimbra, o que defende?

Temos de respeitar a escolha das pessoas. Não podemos viver na ditadura de que um ministro da saúde ou um Governo é que deve escolher pelas pessoas. A liberdade de escolha, mais uma vez, é um valor extremamente importante. Depois, mesmo num quadro conceptual em que acreditemos que a saúde tenha que ser pública, parece-me desumano esperar que o Estado construa uma produção 100% pública. O Estado tem que assegurar provisão pública e universalidade de acesso à saúde e à educação. Ninguém pode ficar sem ser tratado ou sem ter uma escola, mas um serviço público não tem que ser feito apenas por produção pública. Não pode haver uma guerra ideológica entre público e privado. As pessoas têm que receber o apoio público para saúde e educação. Se o Estado tiver que contratar privados para o fazer, deve poder fazê-lo, porque quem está em primeiro são as pessoas. O que é preciso é construir soluções para as pessoas. Se forem privadas, que sejam, se forem públicas, que sejam. Mas o foco devem ser as pessoas e as pessoas devem ter respeitadas na sua liberdade de escolha. E nesse sentido parece-me que o voto, na Iniciativa Liberal é um voto que respeita esses princípios.

Candidata-se como independente. Qual a ligação à Iniciativa Liberal?

Fui convidado para o Conselho Consultivo, como independente. É uma espécie de caixa de ressonância onde são lançadas propostas, que podemos discutir com outros colegas, também académicos. Estamos lá como técnicos. O que mais me chamou à atenção é que há um potencial brutal. Não estamos a falar de duas ou três políticas, mas de coisas transformadoras, assentes na ideia de que não existe nada de genético em sermos pobres, comparativamente ao resto da Europa e que o que acontece no nosso país não é um problema de povo, é de termos as políticas certas, que façam com que países que já foram pobres no passado possam ser ricos no futuro. ◀

Pedro Brinca, economista, é cabeça de lista da Iniciativa Liberal por Coimbra

